

Linguagem e psicanálise

Silvana Paglarini Davela ¹

Selma de Albuquerque Cavalcanti Kirsch ²

RESUMO: Este artigo apresenta uma abordagem concisa de estudos teóricos sobre a linguagem e a sua relação com o inconsciente. O trabalho está organizado na forma em que inicialmente é tematizada a divisão do psíquico em consciente e inconsciente. Em seguida é realizada uma discussão sucinta a respeito dos atos falhos de linguagem em que tomamos como base os estudos de Sigmund Freud. O momento seguinte consiste numa discussão sobre a concepção de linguagem para Lacan ao retomar Freud e o que ele toma da lingüística para a compreensão do inconsciente e linguagem, para que na última seção sejam realizadas as considerações finais. A análise sobre o funcionamento do mecanismo da linguagem inconsciente é explorada a partir da menção de uma evidência empírica, onde se demonstra que o inconsciente também se exprime no tropeço lingüístico.

Palavras-Chave: Consciente; Inconsciente; Linguagem; Ato falho.

ABSTRACT: This article presents a concise approach of theoretical studies on language and its relation to the unconscious. The paper is thus organized: initially, the division of the conscious and the unconscious psychic is thematized. Then, we provide a brief discussion about the slips of speech, based on the studies of Sigmund Freud. Next, there is a discussion on the conception of language in Lacan, who employs Freud's understanding of the unconscious and language, in a linguistic perspective, and in the last session some final considerations are presented. The analysis of the functioning of the unconscious mechanism of language is explored from the mention of an empirical evidence, which demonstrates that the unconscious is also expressed in linguistic slip.

Keywords: Conscious, Unconscious, Language; slips of speech.

Introdução

Neste texto apresentaremos uma reflexão sobre a psicanálise e a linguagem. Para tanto, tomaremos como base os estudos teóricos sobre o inconsciente e os atos falhos dos autores Sigmund Freud e Jacques Lacan. Este, que em suas interpretações sobre os atos falhos

¹ Acadêmica do Curso de Licenciatura em Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT – Pontes e Lacerda. e-mail: vana_paglarini@hotmail.com

² Psicóloga, docente do Departamento de Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT – Pontes e Lacerda. e-mail: Selma.cavalcanti@gmail.com

(tropeços lingüísticos) fez um retorno a Freud, também relacionou seus estudos com a linguística estruturalista a partir de Ferdinand de Saussure. Faremos ainda uma breve discussão a respeito dos conceitos de Fiorin sobre o signo denotado e signo conotado relacionando-os com a metáfora e metonímia, acrescentando a este estudo o conceito teórico de Eni Orlandi sobre o efeito metafórico que é conceituado por ela como deslizes que ocorrem na língua e no discurso.

1 – Os mistérios da mente humana

No artigo *A consciência e o que é inconsciente*, Freud (1923) faz uma discussão em relação à divisão do psíquico em o que é consciente e o que é inconsciente. Conforme Freud este estudo se constitui uma premissa fundamental no contexto da psicanálise e é a partir desta qualidade do psíquico que a psicanálise pode compreender os processos patológicos da vida mental. Para o pai da psicanálise o termo “estar consciente” é puramente descritivo e um estado de consciência considerado transitório. Verificamos este conceito através do exemplo que ele apresenta sobre uma idéia que é consciente agora, e que momentos depois não é mais, no entanto, ela pode se tornar consciente novamente. Freud chama este elemento de psíquico do latente pela capacidade de se tornar consciente a qualquer momento. Neste sentido, segundo ele, a descrição de inconsciente está correta e coincide com latente.

Mas, além desse inconsciente latente que pode facilmente tornar-se consciente, Freud explica que “existem idéias ou processos mentais muito poderosos que podem produzir na vida mental todos os efeitos que as idéias comuns produzem sem se tornarem conscientes” (Idem, Ibidem). Essas idéias assim permanecem por conta de uma força oposta que ele vai denominar de resistência. Pela técnica da psicanálise essa força opositora pode ser removida e as idéias que estavam em estado inconsciente podem ser tornadas conscientes. Freud afirma, ainda, que o estado dessas idéias que existem antes de se tornarem conscientes é chamado de repressão, sendo então a partir desta teoria que ele obtém o conceito de inconsciente.

Para (Freud, 1923) há, portanto, dois tipos de inconsciente: um que é latente, mas capaz de se tornar consciente (Cs.) o qual ele chama de pré-consciente (Pcs.) por se encontrar próximo do consciente, ou ainda como latente do psíquico. E o outro que é reprimido pelo fato de não ser capaz de tornar-se consciente ficando, portanto, restringido ao termo

inconsciente (Ics.). Diante do exposto Freud passa a trabalhar com três termos: Cs. Pcs. e Ics. São dois tipos de Ics. que o psicanalista trata como ambigüidade do Ics., no sentido descritivo, porque no sentido dinâmico há apenas um.

Percebemos então que os trabalhos de Freud avançam e ele forma uma nova idéia a de que “em cada individuo existe uma organização coerente de processos mentais” que vai ser chamada de ego. Uma vez que é ao ego que a consciência se acha ligada, é o ego que controla a descarga de excitações para o mundo externo e de onde também procedem as repressões e resistências.

A partir da concepção de inconsciente, Freud faz novas descobertas, reconhece que o Ics. não coincide com o reprimido, apesar de ser verdade que o reprimido é Ics., mas nem tudo que é Ics., é reprimido. Também uma parte do ego é Ics. (mesmo que desconhecida) e não é latente como o Pcs., pois se fosse não poderia ser ativado sem se tornar consciente num processo tão complexo.

Assim, a necessidade de postular um terceiro Ics. que é reprimido passa a perder a significação para Freud, apesar dele não a ignorar, “pois a propriedade de ser consciente ou não, constitui, em última análise, o nosso único farol na treva da psicologia profunda”. (Idem, *Ibidem*). Isto é, mesmo diante desses estudos, o Ics. ainda continua se constituindo uma faculdade psíquica misteriosa e que ainda muitos outros estudos e pesquisas surgirão a fim de desvendá-los, pesquisas estas que darão continuidade aos estudos que Freud através da psicanálise desenvolveu e posteriormente a ele também Lacan.

2 – Atos falhos: uma manifestação do inconsciente

De acordo com Alan Tyson, autor da tradução inglesa da obra sobre *A psicopatologia da vida cotidiana* - Volume VI, o Dr. Sigmund Freud tinha uma simpatia especial aos atos falhos, porque esses juntamente com os sonhos permitiram que ele entendesse seus estudos a respeito da vida psíquica normal e as descobertas anteriores em relação as neuroses. Nesta obra Freud apresenta exemplos de atos falhos, discutindo, por exemplo, capítulos como “O esquecimento dos nomes próprios”, “Lapsos da fala”, “Lapsos de leitura e escrita”, entre outros.

A psicanálise busca no funcionamento da língua a expressão de sua manifestação para poder analisar o desejo do sujeito do inconsciente. Para (FREUD, 1901: 35) “Os lapsos de linguagem que observamos nas pessoas normais dão a impressão de ser um estágio preliminar das chamadas (parafasias) que surgem em condições patológicas”. Ainda, segundo ele, os lapsos da fala acontecem pela contaminação ou substituição das palavras.

Na seqüência de seus relatos sobre suas experiências Freud acrescenta ainda que os lapsos podem ocorrer por influências externas à palavra, frase ou contexto. São dois modos de formação dos lapsos da fala que tem em comum a simultaneidade da excitação e o que os diferencia é a origem da perturbação dentro ou fora da frase ou contexto. Conforme Freud,

A perturbação da fala que se manifesta no lapso pode ser causada, em primeiro lugar, pela influência de outro componente do mesmo dito - isto é, por uma antecipação ou uma perseveração do som - ou por outra formulação das idéias contidas na frase ou no contexto que se tenciona enunciar. (Idem, Ibidem, p. 36).

E além de outros conceitos sobre os lapsos da fala Freud descobriu que este se constitui em,

[...] uma influência perturbadora que provém de algo externo ao enunciado pretendido; e o elemento perturbador é um pensamento singular que permaneceu inconsciente, que se manifesta no lapso da fala e com frequência só pode ser trazido à consciência através de uma análise detalhada, ou então é um motivo psíquico mais geral que se volta contra o enunciado inteiro. (Idem, Ibidem, p. 39).

Salientamos que estes estudos são de suma importância para podermos entender os diversos tipos de lapsos que acontecem diariamente em nossas vidas, são conseqüências advindas do nosso psíquico e que fogem ao nosso controle, exemplos como esquecer nomes próprios ou substituir palavras são fenômenos que surgem por influência de algo que perturba no inconsciente e podem sim ser objeto de análise.

3 – A lingüística e a psicanálise no estudo do ato falho

No artigo “As marteladas do ato falho” Felipeto e Calil (2008) fazem um relato sobre o ato falho que aconteceu com uma jovem que eles denominam como jovem L, segundo eles, estando ela de férias, em um passeio com mais duas amigas e acompanhadas pelos seus anfitriões, conversavam sobre quanto custava na cidade de origem de L fazer as unhas, foi neste momento então que aconteceu o ato falho, ela disse: “Ah, lá com apenas dez reais se faz pai e mãe...”. Todos riram diante do tropeço lingüístico de L, mas alguém a corrigiu “Se faz ‘pé e mão’, né?!”.

De acordo com estes autores, a jovem L queria dizer uma coisa, mas acabou dizendo outra. Neste caso, de acordo com a análise deles o entrelaçamento entre a lingüística e a psicanálise se dá a partir do tropeço lingüístico, que deixa evidente que o enunciado não apenas comunica, mas, também, revela o desejo do sujeito. Se por um lado, “a correção feita imediatamente após sua produção restaura sua função comunicativa” (FELIPETO e CALIL, 2008: 22). Por outro, algo escapou da boca de L, da ordem do desejo, ou seja, da subjetividade dela como enunciativa. Este contexto, de entrelaçamento entre as duas ciências mostra a importância de se buscar no funcionamento da língua a manifestação do sujeito do inconsciente.

Para estes autores é do encontro de Lacan com a Lingüística de Ferdinand de Saussure que se consolida, definitivamente, a ligação entre a psicanálise e a linguagem. Apontam ainda que Ferdinand de Saussure, por meio da ciência estruturalista, apresentou um estudo sobre as unidades lingüísticas denominando-as de teoria geral dos signos. Para ele o signo se estabelece como uma entidade psíquica de duas faces, como uma moeda, isto é, a união do conceito (significado) com a imagem acústica (significante). Segundo descreveram Felipeto e Calil, Lacan se aproximou da “lingüística Saussuriana, para poder reconduzir a experiência psicanalítica à fala e à linguagem” (FELIPETO e CALIL, 2008: 22).

Os autores apontam ainda que Lacan ao reler Saussure inverte o signo saussuriano, colocando o significante acima do significado. Desse modo, o significante passa a ser autônomo e nesse sentido é da articulação entre significantes que deriva o significado.

Além disso, para Lacan os processos que para Freud são tidos como condensação e deslocamento, para ele correspondem aos mecanismos que estruturam qualquer discurso, ou seja, metáfora e metonímia.

De acordo com Felipeto e Calil (2008) a reconstituição da significação se dá pelo trabalho da metáfora que jorra entre dois significantes em que um substitui o outro, tomando-lhe o lugar na cadeia significante. Este permanece latente e produz um aparente sem sentido que é a metonímia.

Fiorin (2002) em sua obra *Introdução a Lingüística*, e mais especificamente no capítulo *Teoria dos signos*, faz um estudo sobre o signo enquanto denotação e o signo enquanto conotação. Este lingüista explica que “o signo é a união de um plano da expressão a um plano do conteúdo” (FIORIN, 2002, p. 65). O autor apresenta o exemplo do sentido denotado da palavra olho que é *globo colocado na parte anterior da cabeça e que serve de órgão da visão*, e do termo gato que significa *pequeno mamífero carnívoro, doméstico, da família dos felídeos*, sendo então este o significado de expressão do termo *olho de gato*. Porém, em português, *olho-de-gato* significa também *chapinha colocada em pequenos postes, instalados ao longo das estradas de rodagem, que reflete a luz dos faróis dos automóveis, para marcar os limites do leito da estrada*.

Nesse sentido, um signo denotado, no plano de expressão, é um signo ao qual se acrescenta um novo plano de conteúdo. E isto ocorre porque ao acrescentar significado ao significado já existente no signo denotado há uma mudança de sentido e cria-se um novo signo que é um signo conotado. O autor ressalta que é preciso haver uma relação entre o significado que se acrescenta ao outro já existente.

É, portanto, a partir dos dois mecanismos principais de conotação que são a metáfora e a metonímia que Fiorin (2002) esclarece a respeito dos traços comuns entre dois significados. Segundo ele, a metáfora é o acréscimo de um significado a outro por meio de uma relação de semelhança, é a transferência de sentidos, assim aqueles dispositivos colocados às margens das estradas chamados de *olho de gato*, são desta forma denominados por que possuem a propriedade de refletir a luz, portanto tem um traço comum com o *olho do gato mamífero*. Quanto à metonímia faremos apenas uma definição geral visto que há vários tipos. Este mecanismo é o acréscimo de um significado a outro, numa relação de contigüidade, uma proximidade em que a propriedade do ser designa o ser, neste caso em que o poeta diz *a fome é sempre analfabeta*, em *fome* ele está retomando *miserável*, pois na metonímia um ser designa outro.

Para Orlandi, “O efeito metafórico, o deslize – próprios da ordem do simbólico – e lugar da interpretação, da ideologia, da historicidade” (ORLANDI, 1999: 81), são próprios da relação da língua e do discurso. Isto é, segundo ela, esses deslizes e o efeito metafórico na interpretação apontam para a duplicidade do discurso que na psicanálise envolve o inconsciente, e na análise do discurso envolve a ideologia. Assim, é nos deslizes dos sentidos que o efeito metafórico “está na base de constituição dos sentidos e dos sujeitos” (Idem, *Ibidem*, 81).

Conforme Orlandi o enunciado “Vote sem Medo”, desliza em paráfrase, efeito metafórico, jogo de sentido e transferência para “Vote com Coragem”. Nesse caso, a transferência constitui-se numa determinação histórica que põe em circulação um discurso de esquerda produzido para eleitores em que os efeitos de sentido sustentam uma posição política, acadêmica e partidária.

4 – Considerações finais

O estudo da linguagem se constitui de suma importância, haja vista que é a linguagem que significa o homem e o distingue dos animais tornando-o, imaginariamente, superior e dominante. Vimos que não somos apenas um ser racional e consciente, pois a nossa mente se divide e os nossos pensamentos são também da ordem do inconsciente. O homem, portanto, está a todo o momento sujeito as falhas, visto que não somos, nem estamos insuscetíveis aos esquecimentos, as perturbações, ou aos lapsos da fala, da escrita, entre outros.

Por isso é que diante de todas essas referências teóricas percebemos que os atos falhos como no caso da jovem L são acontecimentos comuns ao psíquico humano. E que no ato da fala acabamos por dizer palavras que antes estavam reprimidas, ou seja, estavam latentes em nosso inconsciente, são desejos recalçados que quando menos esperamos escapam ao nosso controle, e por meio dos processos metafóricos e metonímicos podem ser interpretados.

Portanto, de acordo com esses estudos em relação a essas três entidades que fazem parte do nosso sistema psíquico (consciente, pré-consciente e inconsciente) consideramos a partir de Freud, consciente aquilo que conseguimos expressar normalmente. E, que aquilo que está recalçado é latente no pré-consciente e por isso está prestes a ser revelado a qualquer

momento. E que existem aqueles desejos que são tão ocultos em nossa mente que não podem ser revelados porque são protegidos pelo *ego* e não conseguem se libertar facilmente do estado inconsciente. Mas, o mais interessante é que há ainda muitos mistérios ocultos no psíquico humano e que muitas outras teorias semelhantes e ou divergentes podem ser defendidas.

Referências

FELIPETO, Cristina; CALIL, Eduardo. As marteladas do ato falho. *Revista Língua*, ano II – Especial Psicanálise & Linguagem, novembro, 2008.

FIORIN, José Luiz (org.). *Introdução a linguística*. São Paulo: Contexto, 2002.

FONTENELE, Laéria. Inconsciente e linguagem. *Revista Língua*, ano II – Especial Psicanálise & Linguagem, novembro, 2008.

FREUD, Sigmund. (1901) *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. vol. VI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

———. (1912) *Nota sobre o inconsciente na psicanálise*. Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. vol. II, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

———. (1923) *A Consciência e o que é Inconsciente*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

ORLANDI, Eni P. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 1999.